

A PONTE MEDIEVAL DE CABREIRO (ARCOS DE VALDEVEZ)

Homenagem a Félix Alves Pereira

José da Silva Ferreira

I — INTRODUÇÃO

Apesar de pouco tempo ter vivido em Arcos de Valdevez após a licenciatura em Direito, Félix Alves Pereira mostrou sempre um profundo interesse por tudo quanto dizia respeito à região. Este apêgo manifestou-se quer nos muitos escritos etnográficos, históricos e arqueológicos que dedicou ao Alto Minho, quer na intensa colaboração em jornais e outras publicações regionais onde fez a divulgação e a defesa do seu património cultural. E neste aspecto, é de lembrar a sua intervenção numa reunião da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, em 1905, onde pedia protecção para as pontes medievais do concelho. Do seu trabalho sobre estes monumentos diz Carlos Alberto Ferreira de Almeida: “O melhor estudo saído em Portugal sobre pontes da Idade Média...”.

Recentemente, tivemos oportunidade de fazer a leitura da obra de Félix Alves Pereira, de apreciar alguma da sua correspondência com José Leite de Vasconcelos e de conhecer o que sobre ele escreveram os seus biógrafos. Ficou-nos a imagem de um homem inteligente e probo, trabalhador incansável e minucioso, artista hábil e escritor primoroso, apaixonadamente dedicado à Arqueologia, apesar das injustiças e dos desgostos sofridos. A sua obra, vastíssima e multifacetada, reflecte na sua dispersão e na qualidade variável dos trabalhos o que era um arqueólogo notável no seu tempo. E foi um dos maiores. A ele dedicamos este trabalho.

À construção da ponte de Cabreiro liga-se a figura de Leonel de Lima, fidalgo minhoto de ascendência galega, nascido em 1403, filho de Fernão Eanes de Limia. A este fiel servidor doou D. João I, em 1398, a casa de Giela com suas pertenças e ainda a jurisdição cível e criminal das Terras de Valdevez, para no ano

seguinte lhe conceder várias terras, entre elas a de Valdevez.

Herdeiro de uma enorme fortuna, Leonel de Lima construiu uma carreira política que o caracterizou como homem tão poderoso como prepotente e ambicioso pois, apesar dos muitos desmandos que cometeu, sobretudo em relação à gente da vila de Ponte de Lima e seu termo, e do posicionamento dúbio e oportunista que assumiu nas diversas crises políticas que o reino viveu ao longo do século XV, sempre gozou de protecção régia e pelos reis foi cumulado de benesses, sobretudo por D. Afonso V. Destas salientamos, em 1471, a doação a título vitalício do senhorio, rendas e direitos de Vila Nova de Cerveira e seu termo e, em 1476, a outorga do título de Visconde da Vila Nova de Cerveira e o direito a ter o tratamento de Dom.

A sua intensa acção política na região de Entre-Douro-e-Minho e uma longa vida, que lhe permitiu percorrer todo o século XV, do reinado de D. João I até ao de D. João II, fazem de D. Leonel de Lima uma figura dominante na história regional desta época.

A leitura do estudo de Félix Alves Pereira sobre pontes medievais do conselho de Arcos de Valdevez motivou-nos para uma visita a estes monumentos. O acaso fez com que na face jusante da Ponte de Cabreiro caísse sob os nossos olhos uma aduela do arco menor, quase totalmente coberta de vegetação, mas mostrando ainda letras inscritas. A limpeza desta área revelou uma epígrafe que supomos inédita.

A ponte de Cabreiro, de porte modesto, já era interessante pela monumental inscrição gótica que o estudioso arcuense descreveu, mas o achado de uma segunda inscrição, a importante personalidade política do patrocinador da sua construção, D. Leonel de Lima, e ainda o facto de se cumprir este ano meio século sobre a morte de Félix Alves Pereira, motivaram-nos para este trabalho.

II — DESCRIÇÃO FÍSICA DA PONTE DE CABREIRO

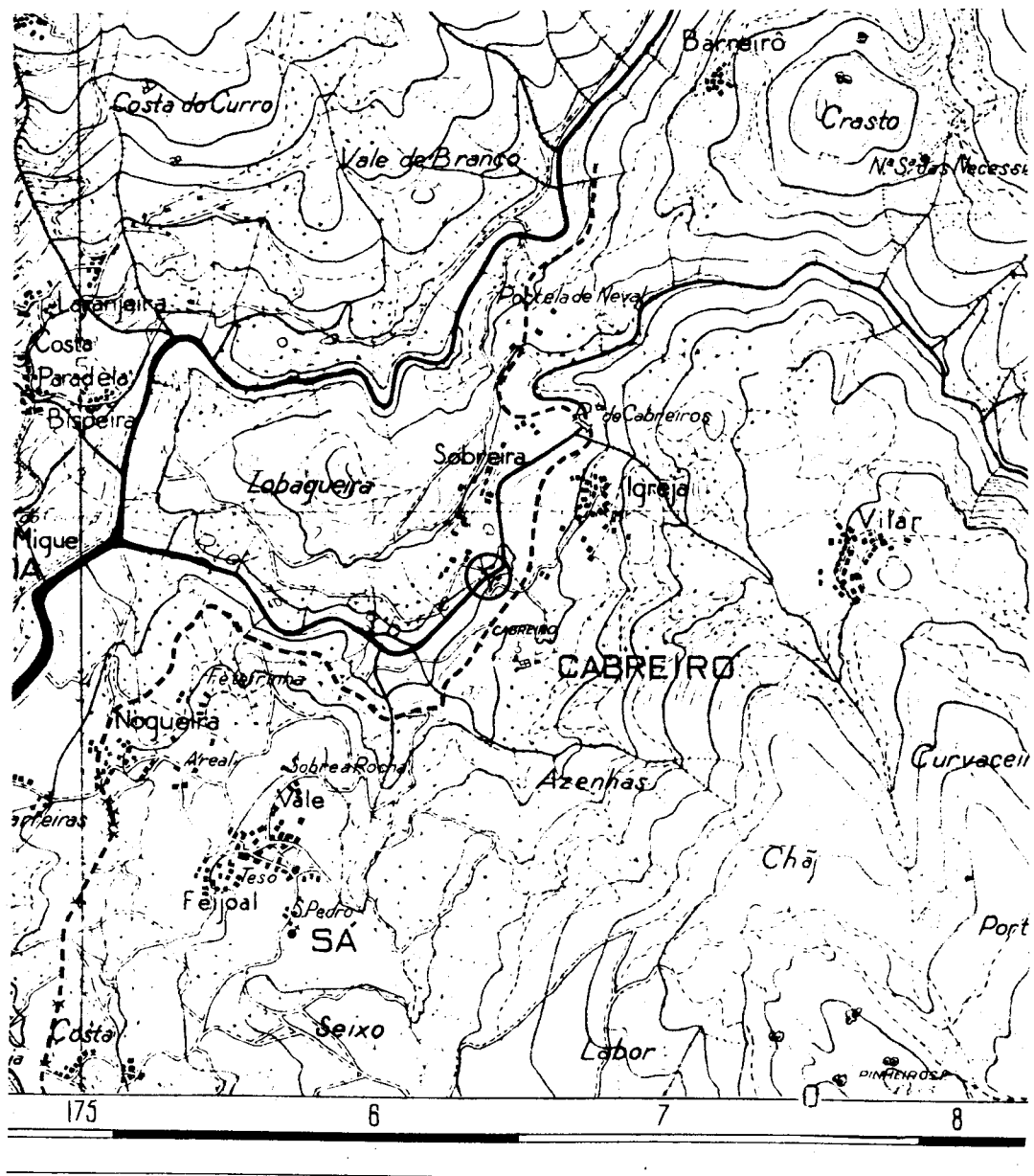
Esta ponte sobre o rio Cabreiro, afluente da margem esquerda do rio Vez, liga os lugares da Igreja e da Sobreira, da freguesia de Cabreiro, do concelho de Arco de Valdevez, e, na Carta Militar de Portugal, dos Serviços Cartográficos do Exército, à escala 1/25.000, localiza-se na folha n.º 8, com as coordenadas geográficas $0^{\circ} 40' 18''$ long. E Lisboa e $41^{\circ} 59' 7''$, lat. N.]

Como se pode verificar pela observação do seu levantamento topográfico (Est. I e II), e

das suas fotografias (Est. III, 1 e 2) apresenta dois arcos desiguais, tendo o maior, de volta redonda, 8,8 m de diâmetro, e o menor, de forma ogival, 3,75 m de abertura. Apenas no intradorso do arco maior tem siglas lapidares, algumas já descritas por Félix Alves Pereira.

Às aduelas dos arcos, cinquenta no maior e vinte e uma no menor, em forma de prisma trapezoidal, tem de dimensões médias: altura do prisma, 0,90 m; na base, mediana 0,65 m e altura 0,32 m.

No arco maior existem em cada lado oito poisos, dispostos em duas linhas de quatro,



cavados na terceira e quinta fiada das aduelas, a contar do arranque do arco. Estas cavidades, em forma de prisma triangular de face lateral maior encurvada ou em estribo, tem, de dimensões médias de abertura, 0,20x0,26 m, e de profundidade 0,16 m.

A um pegão central de secção quase quadrada (comprimento, 3,87 m, e largura, 3,83 m), apoiado na sólida massa rochosa que emerge do leito do rio, adossam-se dois talha-mares; o de montante, em forma de prisma triangular, tem de altura 2,20 m e, nas faces laterais, o comprimento médio de 4,5 m, terminando superiormente de forma aplanada; o de jusante, em forma de prisma rectangular deitado, tem de altura o comprimento do pegão (3,87 m) e, da sua face superior plana, desce-se até à superfície rochosa de apoio através de cinco fiadas de silhares com cerca de 0,30 m de altura cada uma, dispostas em degrau, excepto as duas inferiores.

O tabuleiro da ponte tem cerca de 28 m de comprimento e 3,7 m de largura média, correndo horizontal desde a margem esquerda até ao pegão e descendo desde aí até à outra margem, com uma inclinação de aproximadamente 20°, para vencer o acentuado desnível entre as duas margens. As guardas do tabuleiro, com 0,80 m de altura média e 0,24 de espessura, são constituídas por uma ou duas fiadas de pedras, com a sua maior dimensão, respectivamente, vertical ou horizontal, segundo as necessidades de segurança deste muro. Ao longo do para-peito há diversos cruciformes.

O material da ponte é exclusivamente granítico, de grão fino, de duas micas, proveniente da região e talvez do próprio local da sua implantação. As pedras das guardas e as das aduelas apresentam-se bem aparelhadas mas o paramento dos muros, em fiadas irregulares assentes sem argamassa e sem cunhas, tem um acabamento menos perfeito.

No seu conjunto o monumento é equilibrado e a vegetação que o cobre, se torna o seu estudo mais difícil, insere-o harmoniosamente na paisagem.

III — AS INSCRIÇÕES

a) Como diz Félix Alves Pereira, “o que verdadeiramente notabiliza esta ponte é a inscrição monumental, em caracteres de 0,15 e 0,20 m de alto, que ocupam quatro fiadas de silhares no arranque do arco menor, a toda a largura da ponte”

Esta inscrição, (Est. III, 3) em belos caracteres góticos minúsculos, localiza-se no intradorso do arco menor, abrangendo toda a largura do pegão em quatro fiadas de silhares e ainda pequena parte de uma quinta fiada. A

altura das pedras em que se inscrevem as letras varia entre os 0,28 e 0,36 m e a distância média entre as linhas é de 0,14 m.

Desta inscrição apresentamos seguidamente a transcrição, a leitura e as medidas da altura das letras.

Transcrição:

E:’ de m/ Esta ponte fez o abade de cab’yro a° anes/ c’ado de lyonel de lyma e de dona felipa da q/unhaa E fuy conpanye° frey p° de ca/nedo frayre de San domygo de tuy.

Leitura:

E(ra) de m(il) [...] / Esta ponte fez o abade de Cab(re)iro A(fons)o Anes/ c(ri)ado de Leonel de Lima e de dona Filipa da C/unha E foi compan(h)ei(r)o frei P(er)o de Ca/nedo freire de São Domi(n)go(s) de Tui.

Altura das letras (em centímetros):

- 1.ª linha: 1: 16,5; 2: 19; 3: 20; 4: 20.
 2.ª linha: 1: 14; 2: 16; 3: 13; 4: 16; 5: 16; 6: 15; 7: 15; 8: 15; 9: 14; 10: 23; 11: 17; 12: 15; 13: 15; 14: 15; 15: 14; 16: 14; 17: 14,5; 18: 17; 19: 17; 20: 15,5; 21: 15; 22: 16,5; 23: 14; 24: 14; 25: 14; 26: 14; 27: 14; 28: 13; 29: 15; 30: 15.
 3.ª linha: 1: 16; 2: 15; 3: 16; 4: 15,5; 5: 15; 6: 14,5; 7: 19; 8: 16,5; 9: 16,5; 10: 16; 11: 15; 12: 19; 13: 15; 14: 15; 15: 20; 16: 16; 17: 17; 18: 16; 19: 17; 20: 16,5; 21: 16,5; 22: 16,5; 23: 17; 24: 17,5; 25: 19; 26: 21; 27: 16,5; 28: 20; 29: 16; 30: 20; 31: 17; 32: 17; 33: 16,5; 34: 16.
 4.ª linha: 1: 16; 2: 17; 3: 21; 4: 16,5; 5: 16,5; 6: 16; 7: 22; 8: 15,5; 9: 20; 10: 18; 11: 17,5; 12: 17,5; 13: 17; 14: 17; 15: 15; 16: 15,5; 17: 19; 18: 22; 19: 14; 20: 17; 21: 20; 22: 17,5; 23: 15; 24: 15; 25: 17; 26: 15,5.
 5.ª linha: 1: 16,5; 2: 16,5; 3: 16,5; 4: 16,5; 5: 19; 6: 13; 7: 17; 8: 19; 9: 19; 10: 19,5; 11: 17,5; 12: 17; 13: 22,5; 14: 19; 15: 20,5; 16: 20; 17: 19,5; 18: 20; 19: 20; 20: 19; 21: 18; 22: 16,5; 23: 18; 24: 17; 25: 17; 26: 21.

Apresentamos as dimensões individuais das letras por rigor de descrição e para mostrarmos que o seu tamanho tem uma amplitude de variação superior à descrita por Félix Alves Pereira (Entre 13 e 23 cm e não de 15 a 20 cm). Não há ordenação mas o nivelamento das letras, embora não rigoroso, faz-se pela sua extremidade inferior. A secção das letras não é triangular, como é corrente, mas trapezoidal.

b) O campo epigráfico da outra inscrição, liso e sem moldura, corresponde a toda a superfície de uma aduela do arco menor, de forma trapezoidal imperfeita (Est. IV, 1) com as seguintes dimensões: base maior, 0,795 m; base menor, 0,655 m; altura maior, 0,46 m; altura menor, 0,345 m. Os espaços interlineares tem 3 a 4 centímetros e as distâncias entre as letras variam de 0 a 2 centímetros.

O tipo de letra usado é o cursivo mas algumas letras são de tipo gótico minúsculo. A grafia é de feitura algo irregular e, na última linha, mal distribuída por falta de espaço.

O texto desta inscrição, de leitura fácil pela sua quase total igualdade com o da inscrição anterior, tem a seguinte transcrição e leitura:

Transcrição:

Esta pôte fez/a^o anes abade/ de cabreiro crya/do de lyonel de lyma / e de dona phylpa/ de cunha Era d/e myl IIII 6/II p(?)ano.

Leitura:

Esta po(n)te fez/ a(fons)o anes abade/ de Cabreiro cria/do de Leonel de Lima / e de dona Filipa/ da Cunha Era d/e mil quatrocentos e sessenta/e dois anos.

Altura das letras (em centímetros):

1.^a linha: 1: 5; 2: 6; 3: 3; 4: 4; 5: 6; 6: 3,5; 7: 6; 8: 4; 9: 6,5; 10: 4; 11: 5,5.

2.^a linha: 1: 3,5; 2: 4,5; 3: 4; 4: 4; 5: 6; 6: 5; 7: 5; 8: 5,5; 9: 6,5; 10: 5.

3.^a linha: 1: 6,5; 2: 5; 3: 4,5; 4: 5; 5: 5,5; 6: 4,5; 7: 4,5; 8: 5,5; 9: 4; 10: 3,5; 11: 5; 12: 4,5; 13: 5; 14: 4.

4.^a linha: 1: 6; 2: 3; 3: 8; 4: 4,5; 5: 8; 6: 6,5; 7: 3; 8: 4,5; 9: 4; 10: 8; 11: 6,5; 12: 4,5; 13: 8; 14: 6,5; 15: 4,5; 16: 4,5.

5.^a linha: 1: 5; 2: 6; 3: 4; 4: 7; 5: 3; 6: 4; 7: 4,5; 8: 7; 9: 7,5; 10: 7; 11: 9; 12: 6; 13: 7; 14: 4,5.

6.^a linha: 1: 6; 2: 4,5; 3: 3,5; 4: 4; 5: 4; 6: 6,5; 7: 5; 8: 5; 9: 4,5; 10: 4,5; 11: 4,5.

7.^a linha: 1: 5,5; 2: 4,5; 3: 6; 4: 8; 5: 4,5; 6: 4,5.

8.^a linha: 1: 5,5; 2: 4,5; 3: 5; 4: 4,5; 5: 3,5; 6: 2,5.

IV — COMENTÁRIO

As inscrições descritas são comemorativas do mesmo facto: a construção da ponte. Como explicar a repetição de legendas? É óbvio que não foi o seu conteúdo que obrigou à duplicação. Somos de parecer que a primeira epigrafe a ser inscrita foi a da aduela pois, aparentemente, não teria cabimento executá-la depois da outra monumental inscrição e, por outro lado, é de crer que ela foi feita antes da colocação da aduela no seu lugar, tão dificilmente acessível para uma execução a posteriori.

A grande diferença entre as duas inscrições reside na modéstia de uma e na monumentalidade de outra.

Se juntarmos este facto à suposição anterior e nos lembrarmos da personalidade de Leonel de Lima, poderemos sugerir que foi esta a razão da feitura da imponente inscrição sob o

arco menor, agora à altura do poder e da importância do senhor das Terras de Valdevez.

A inscrição da aduela apesar de modesta é importante por permitir datar com exactidão a construção da ponte. E fá-lo de uma forma pouco comum, recorrendo simultaneamente ao extenso, a barras verticais e ao número arábico. Fica-nos a dúvida sobre o significado a atribuir à letra que segue a data.

Também na «Ponte do Arco», em Perre, no concelho de Viana do Castelo, numa aduela do arco maior, no lado montante da ponte, há uma singela inscrição que talvez assinala o nome do seu arquitecto: «CRESCO/HIO FR» (Est. IV, 2). Como em Cabreiro, também seria um frade. Ainda outra analogia podemos assinalar entre estas duas pontes medievais: em Perre, só o arco médio tem siglas e em número reduzido (contámos seis); como vimos, em Cabreiro só o arco maior é siglado.

Ficamos assim a saber que a ponte de Cabreiro foi construída no ano de 1462, no reinado de D. Afonso V, precisando deste modo a datação que Félix Alves Pereira lhe tinha atribuído pela análise paleográfica e histórica da inscrição por ele descrita. A explicação dada pelo escritor arcuense para a datação inacabada desta epigrafe não nos parece completamente aceitável. Concordamos que a inscrição não devia descer mais, não tanto pela proximidade da água, pois só no inverno o rio corre sob o arco menor, mas sobretudo porque a fiada a utilizar se apresenta constituída por pedras de altura muito desigual e, por isso, susceptível de prejudicar a estética da inscrição; por outro lado, não foi por falta de espaço que a datação não figurou na última linha pois o lapicida aí desperdiçou algum. Em conclusão, nesta epigrafe a data devia preceder o texto mas não foi completada por razões que não descortinamos.

Ao dar notícia que um frade-arquitecto do convento de S. Domingos de Tui colaborou com o abade de Cabreiro, Afonso Anes, na construção da ponte, as inscrições sublinham o carácter pio destas obras públicas e a importante acção da Igreja neste domínio; também assinalam o suporte político e económico que Leonel de Lima certamente concedeu; chamam ainda a atenção para as estreitas relações culturais e económicas entre as margens do rio Minho que a visita efectuada por D. Afonso V, nesse ano de 1462, veio incentivar através de um conjunto de medidas então tomadas. Pelo itinerário seguido pelo jovem monarca é possível que ele tenha podido admirar a recém construída ponte de Cabreiro.

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, esta ponte estava inserida numa via secundária que saindo da estrada que ligava Arcos de Valdevez a Moncão, por altura de

Vilela, se dirigia para a região de Castro Laboreiro e Porto dos Cavaleiros, através da portela do Couço.

Provavelmente é este o mesmo caminho que até não há muitos anos seguiam os romeiros da Senhora da Peneda quando a pé demandavam o seu santuário, passando em Sistelo, Padrão e Porta Cova.

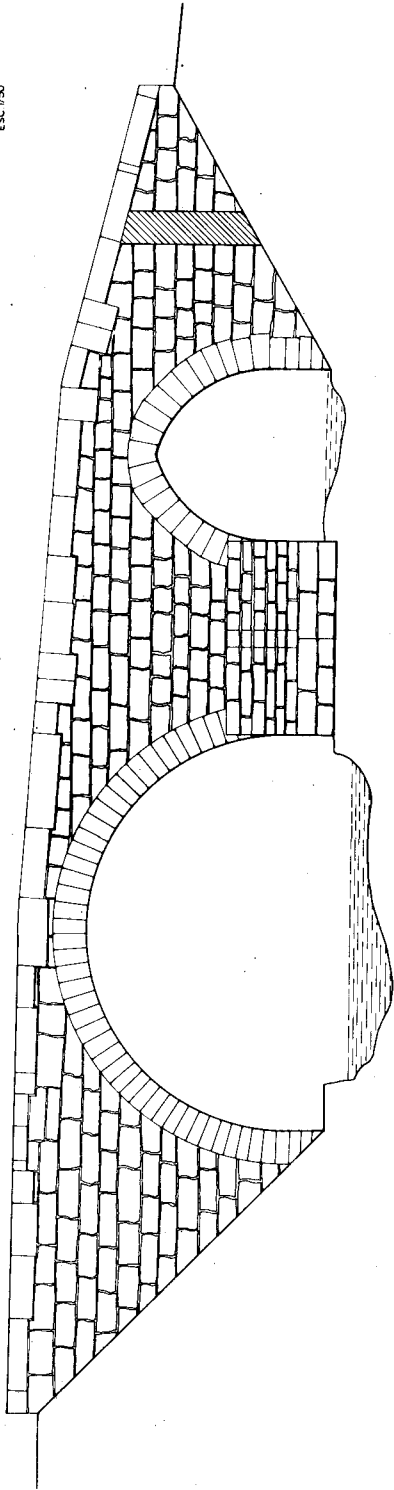
O alinhar destas tão diversas facetas ligadas à história da modesta ponte de Cabreiro pretende tirar do esquecimento e do abandono monumentos como este, tão frequentes no Entre-Douro-e-Minho, e sublinhar o interesse que pode revestir o seu estudo monográfico para o conhecimento da arquitectura dos finais da Idade Média, sobretudo quando tais monumentos podem ser datados com rigor.

Agradecemos ao Dr. Armando Coelho F. da Silva o estímulo e os repetidos conselhos que tornaram possível este trabalho, ao eng. Joaquim F. Ribeiro Gomes e ao desenhador, António Ademar Lebreiro, o levantamento topográfico e seu desenho, e ao dr. Manuel Real, a ajuda

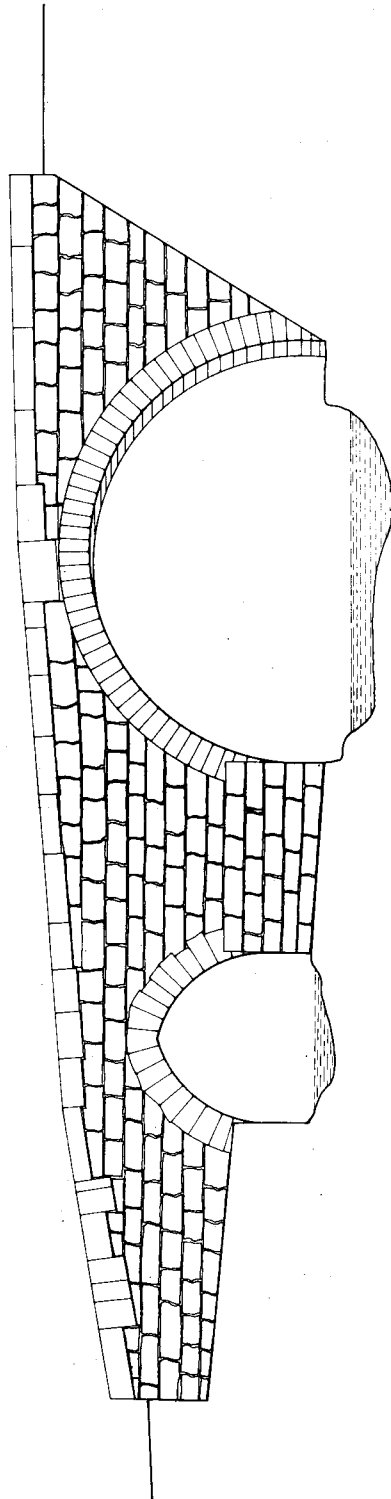
interessada e a fotografia da inscrição da ponte de Perre, que também visitámos.

- 1 — Almeida, P. Carlos Alberto Ferreira, *Vias Medievais. I — Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação de licenciatura em História, Faculdade de Letras do Porto, 1968.
- 2 — Araújo, José Rosa, A «Ponte do Arco», *Alto Minho*, 3: 38-40, 1935.
- 3 — Araújo, José Rosa, *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima*, Viana do Castelo, 1962.
- 4 — Marques, José, Acção governativa de D. Afonso V durante a visita ao Minho, em 1462, *Arquivo do Alto Minho*, Vol. 27 (VII da 3.ª série): 3-32, 1982.
- 5 — Moreno, Humberto Baquero, Um fidalgo minhoto de ascendência galega: Leonel Lima, *I Colóquio Galaico — Minhoto*: 259-274, Ponte de Lima, 1981.
- 6 — Pereira, Félix Alves, Pontes Medievais nos Arcos de Valdevez. Estudos do Alto Minho — XXVIII, *Portucale*, 1: 178-185, 1928.
- 7 — Silva, Armando Coelho F., Ponte do rio Tedo (Armamar/Tabuaço). Memória descritiva, *Humanidades*, 2: 37-41, 1982.
- 8 — Sousa, J. M. Cordeiro de, *Apontamentos de epigrafia portuguesa*. Cadernos de Arqueologia e Arte, N.º 3. Ed. Institutos de Arqueologia e de História da Arte, Faculdade Letras de Coimbra, 1983.

PONTE SOBRE O RIO CABREIRO
ARCOS DE VALDEVEZ
ESC. 1/50

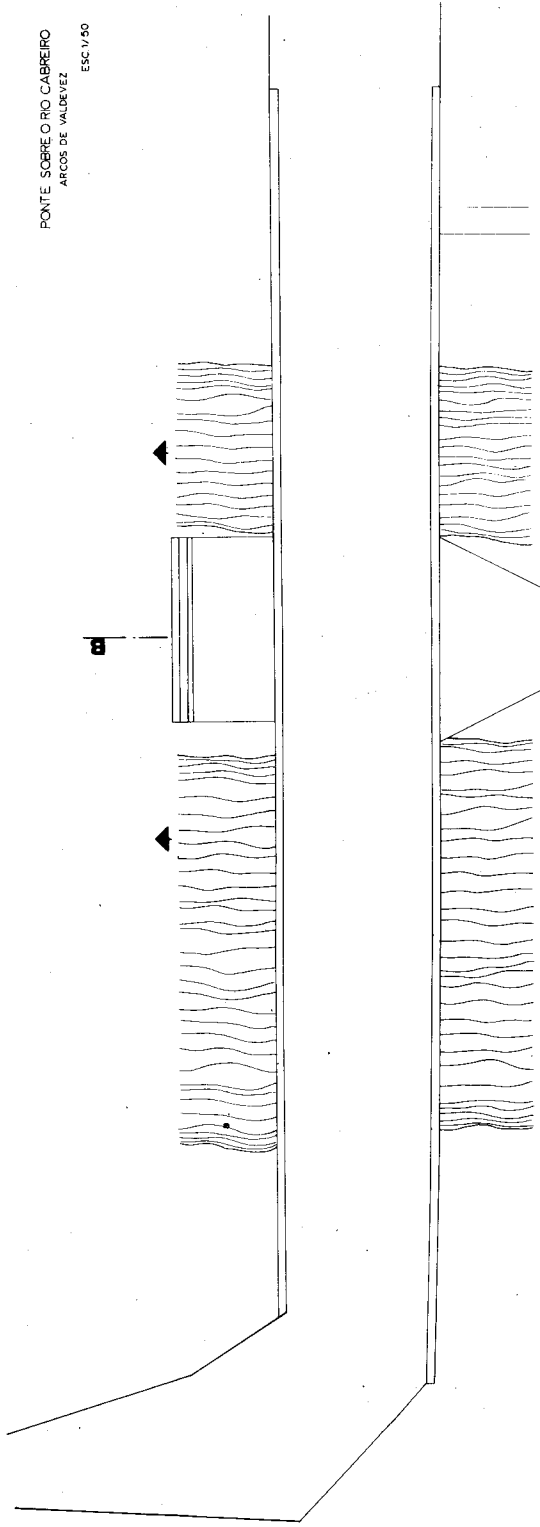


ALÇADO A MONTANTE

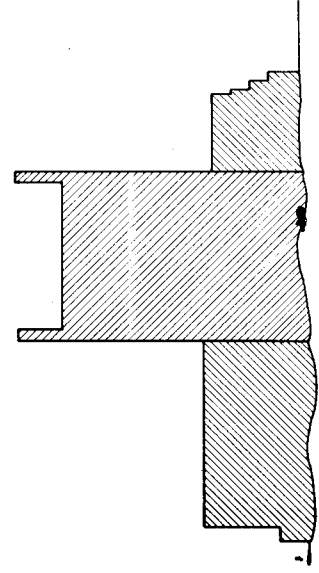


ALÇADO A JUSANTE

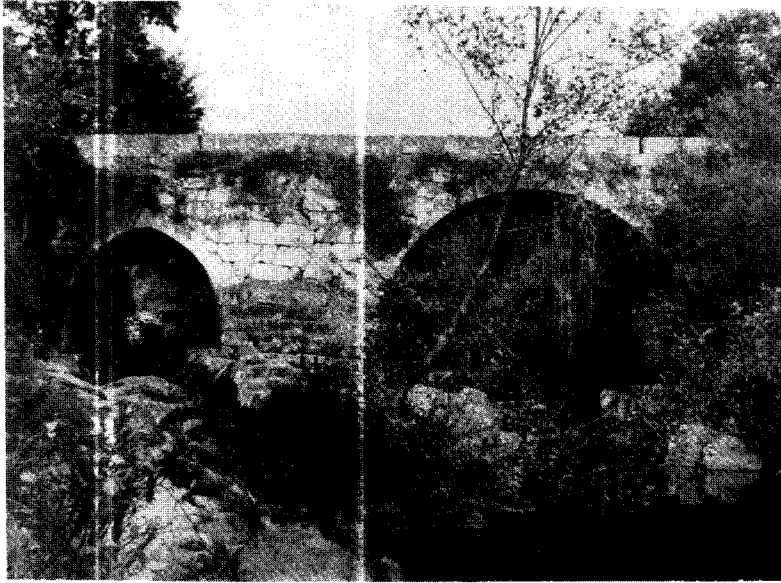
PONTE SOBRE O RIO CABREIRO
ARCOS DE VALDEVEZ
ESC. 1/50



PLANTA



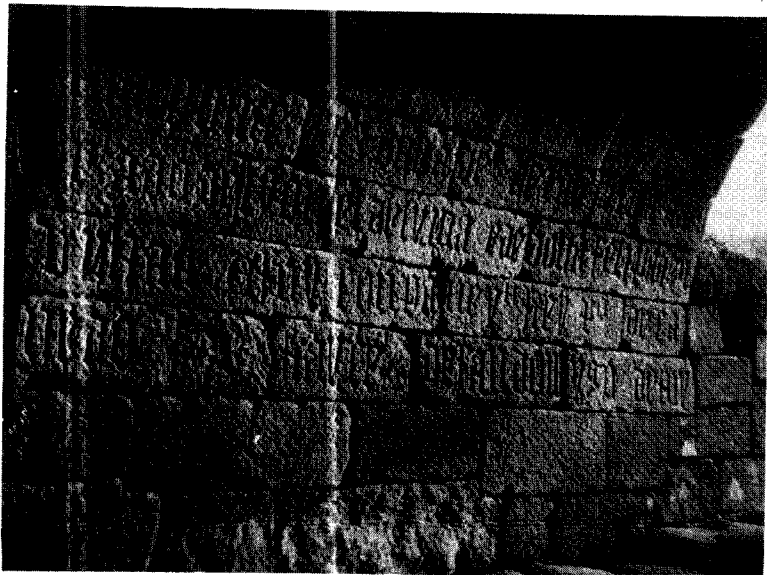
CORTE A-B



1



2



3



1



2